

ARMEN MAMIGONIAN*

Como foi sua participação no movimento de 1978 da Geografia?

Provavelmente eu tenha sido o participante mais decidido do movimento nascido na AGB de Fortaleza, dando novo rumo à Associação. Na verdade, como em outras oportunidades, me atirei de corpo e alma no combate, pois tinha consciência do empobrecimento cultural que a AGB vivia a partir dos fins dos anos 60. Esse empobrecimento teve várias causas: 1) enquanto na ditadura Vargas tanto o governo quanto na sociedade havia muito interesse pela geografia, na ditadura pós-1964 a geografia foi sendo marginalizada em favor da economia (o IBGE é o exemplo mais escandaloso); 2) os dirigentes da AGB foram perdendo vitalidade, como na passividade frente à novidade quantitativista (Pasquale Petrone, por exemplo); 3) os geógrafos em grande maioria foram perdendo o espírito crítico e o hábito do debate, que havia dado tanto vigor à AGB dos anos 50 e 60 etc. Como enfatizei, tive um grande deslumbramento em Ribeirão Preto (1954) como participante da equipe de pesquisa sob liderança de Aziz Ab'Sáber e R. Maack e quando assisti aos debates entre Aziz e J. Dias da Silveira, P. Monbeig e A. França. Vários eventos posteriores da AGB me ajudaram e a outros iniciantes a se apaixonarem pela Geografia e a sentirem sua importância explicativa da natureza e da sociedade. Assim sendo, era natural que eu assumisse a rebelião estudantil na AGB de Fortaleza e estranhasse a reprimenda que me quis passar, à boca pequena, L. Goldstein, inutilmente, por debater com J. Cezar Magalhães a proposta de mudança dos estatutos.

Quais foram os erros e acertos daquele movimento?

A rebeldia estudantil foi excessivamente infanto-juvenil, embora sincera, pois os cursos de geografia deixavam muito a desejar, em São Paulo e em outros lugares. Mas a grande maioria dos estudantes não tinha militância na geografia e menos ainda na AGB e sim nos grupelhos dogmatizados (MEP, Libelu, PCdoB etc.), que não viam mais possibilidade de derrubar a ditadura militar, em processo de abertura "lenta, gra-

* Professor do Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana da USP. Entrevista feita por e-mail em junho de 2008.

dual e segura” e procuravam novo campo para sua militância messiânica. Por outro lado, a renovação da AGB-São Paulo e do Boletim Paulista de Geografia sob a direção de Gusmão Pinto e da produção intelectual de Milton Santos não tinha força suficiente (e talvez vontade, pois a AGB-São Paulo estava enfeudada pelo Departamento de Geografia da USP, como hoje) para conduzir o processo de ruptura. Coincidentemente, nem o movimento estudantil nem a AGB-São Paulo apresentaram propostas de mudança de estatutos, o que foi feito pelas AGB-Presidente Prudente e AGB-Rio.

Assim sendo, a AGB acabou caindo nas mãos do movimento estudantil, sob liderança de Ruy Moreira, que assumiu pose messiânica e endeusava os estudantes como “filhos da história” (imaginaram?). O oligopólio da AGB pré-1978 (Rio + São Paulo + periferia) foi substituído pelo monopólio de 1980-86, quando voltou às mãos da AGB-São Paulo, em 86.

A Upege teve importância nesse processo?

A Upege teve importância conjuntural: após 1978, os estudantes da USP, mais subordinados na época a Ruy do que a Ariovaldo, trataram de tomar a entidade, como ocorreu em Presidente Prudente, e organizaram reuniões em Niterói e outros lugares, com publicação de debates. Mas a entidade logo desapareceu, quando o movimento estudantil assumiu o poder na AGB (1980).

Como ficou a AGB nas décadas seguintes?

Houve, nos primeiros anos (1978-1983), efervescência intelectual decorrente da liberdade momentânea, mas esta efervescência teve asas curtas, pois a maioria da “jovem guarda” (Ruy, Carlos Walter, Ariovaldo, Antônio Carlos e outros) não aprofundou a proposta de intersecção geografia-marxismo, jogando excessivamente para a platéia e apoiando-se em autores que visivelmente se afastavam do marxismo (H. Lefèvre, Y. Lacoste, J. S. Martins e muitos outros), freqüentemente descartando a geografia feita anteriormente, sem realizar uma superação dialética, como se eles estivessem fundando a verdadeira geografia. Por conseqüência, a AGB foi se dogmatizando com o monopólio de 1980-86 (Ruy Moreira) ou o oligopólio pós-1986 (AGB-São Paulo) que em Goiânia (2004) foi tão arrogante que obrigou alguns sócios a organizarem sessões independentes

para discutir Josué de Castro e a China. Outro pecado capital é que desde 1980 o trabalho de campo passou a ser desprezado na AGB, em favor da "teoria", além do desprezo pela Geografia física.

Muitos se afastaram da AGB após 1978. Por quê?

Na verdade, a AGB dos "filhos da história" excluiu os antigos sócios. Milton Santos e Manoel Correia não eram convidados para nada, nem mesmo para a AGB-Salvador, realizada na PUC, onde Milton Santos iniciou sua carreira. Aziz e Carlos Augusto, nem pensar, pois geografia física não era Geografia, além do que faziam sombra... É chocante o fato de que passados tantos anos os maiores geógrafos brasileiros continuem sendo formados pela AGB anterior a 1978 e talvez por isto mesmo quando se organizou uma Geografia do Brasil (EDUSP, 1996), a bibliografia de Geomorfologia e Climatologia tenha excluído Aziz e Carlos Augusto.

Houve alguma grande contribuição teórico-metodológica do movimento de 1978 para a Geografia?

Creio que as grandes contribuições da geografia brasileira tenham sido as idéias de formação sócio-espacial, desenvolvida por Milton Santos, de geo-sistemas, desenvolvida por Carlos Augusto e a teoria dos refúgios de Aziz. Na verdade, a efervescência de 1978-83 criou muito ruído e pouca luz.

Como esse movimento reverbera hoje?

A grande reverberação foi o estímulo à procura independente dos caminhos, mais freqüentemente com resultados precários. Compare-se a magnífica obra sobre São Paulo sob direção de Aroldo de Azevedo e a colcha de retalhos sobre São Paulo publicada recentemente. Mas o pior para a AGB foi sua perda de importância e independência frente à nova elite de geógrafos que se foi constituindo nos anos 90 junto aos órgãos de financiamento (Capes, CNPq, Fapesp etc.), valorizando o produtivismo, impedindo linhas de pesquisa e se subordinando à geografia européia e norte-americana, num processo de recolonização pernicioso. A primeira colonização (P. Defontaines, P. Monbeig e outros) alavancou a geografia brasileira a níveis internacionais, enquanto a atual apequena os novos geógrafos. Está sendo criada uma aliança tácita e subalterna a Capel, Levy, Quaini e outros, ex-marxistas que fazem propaganda

neoliberal, e esta nova elite exerce um poder perigoso, como no caso das três visitadoras da Capes aos programas de pós-graduação que tiveram os seus promovidos. Esta nova elite é negativa para o pensamento brasileiro, tanto na Geografia como nas outras áreas do conhecimento.

Após 30 anos, algum arrependimento?

A história é um processo que não deve dar lugar a arrependimentos pois erros e acertos devem servir de lições. É necessário seguir os exemplos dos mestres Aziz, Carlos Augusto, Milton Santos e Manoel Correia de Andrade, entre outros, que nunca se aposentaram da produção intelectual e do combate pela nacionalidade e pelo povo.

Como você analisa o atual momento da AGB e da Geografia?

A AGB e a Geografia correm sérios riscos. Em João Pessoa, a “homenagem” a Armando Correia da Silva e a Milton Santos se resumiu à projeção de imagens eletrônicas, próprias à sociedade do espetáculo, e Horácio Capel, pela enésima vez, elogiou o caminho neoliberal. A nova elite foge do debate intelectual como o diabo da cruz e se alia, a pretexto de intercâmbio científico, ao que há de pior no exterior.

Quais as perspectivas da geografia e da AGB para os próximos 30 anos?

No passado, o eixo geográfico Rio-São Paulo foi fundamental para o avanço da Geografia brasileira. Aroldo de Azevedo, por exemplo, apadrinhou e estimulou Aziz e Milton, que, aliás, se apoiou no estudo de Nice L. Müller sobre o centro da cidade de São Paulo. Hoje o eixo Rio-São Paulo é o principal estruturador da “nova elite” feudal e decadente, realizando um sistema de cooptação e corrupção à escala nacional. Trata-se, portanto, de retomar o caminho que levou à antiga grandeza da AGB: estímulo ao debate e à independência intelectual que nos está sendo roubada.

Como você vê o surgimento da Anpege e sua relação com a AGB?

A Anpege respondeu a uma necessidade, mas tanto quanto a AGB está enfeudada às pós-graduações e aos órgãos governamentais de financiamento. Os verdadeiros poderes, lamentavelmente.